

Prêmio virtual, punição virtuosa

Carlos Vogt

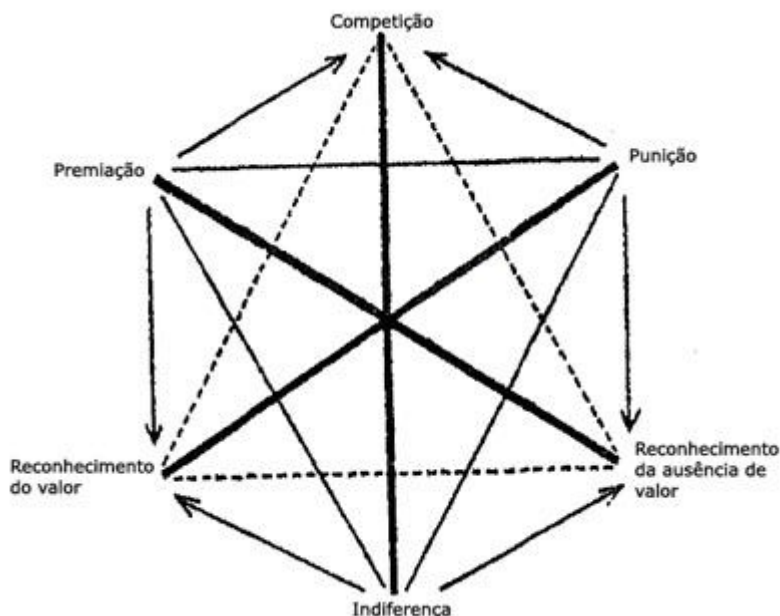
Sem culpa, não há punição. E de que é que somos culpados? De muitas coisas e de uma, em particular: a do pecado original, do erro da transgressão, da quebra do limite, da aventura do conhecimento, do conhecimento do bem e da desventura do mal.

Como escreve, a propósito de Freud e da psicanálise, Georges Minois no livro *Les origenes du mal – une histoire du péché originel* (Éditions Fayard, Paris, 2002, pp. 306-307), “essa culpa provém de um ato inicial que é o verdadeiro pecado original da humanidade: no começo da história, os homens jovens do clã mataram o pai e o comeram, porque ele reservava para si as mulheres. É o Édipo fundamental, que Freud apresenta em *Totem e tabu*. Tudo decorre daí. Os jovens machos que odeiam e admiram o pai liberam sua agressividade, matando-o, comendo-o para assimilar sua força e, dando livre curso à sua libido, unem-se às suas mulheres, que são suas mães. Do remorso engendrado por esse crime deriva toda a organização social civilizada: o tabu do incesto, os interditos da moral, que visam a desviar a agressividade de cada um contra si mesmo, e também a religião. Passa-se, assim, da sociedade selvagem à sociedade civilizada e aos seus recalques.”

E, citando Louis Derousseaux, acrescenta:

“A horda paterna foi substituída pelo clã fraterno, fundado sobre laços de sangue, escreve Freud. A sociedade repousa, a partir de então, sobre uma falta comum; a religião, sobre o sentimento de culpa e sobre o arrependimento; a moral, sobre as necessidades dessa sociedade, de um lado, e sobre o dever de expiação engendrado pelo sentimento de culpa, de outro lado.”

Se tentássemos apreender o conceito de punição, utilizando o hexágono lógico de Robert Blanché (Ver edição n. 89 – *Determinismos*, meu artigo “[Determinismo e ordem simbólica](#)” para uma breve apresentação do hexágono de Blanché), poderíamos chegar à seguinte representação:



Nesse jogo de oposição assim representado, o conceito de **punição** é participativo: só se aplica se for possível, contrariamente, aplicar também o conceito de **premiação** e o conjunto de termos que, variando em grau e em qualidade, formam o sistema de significação no caso designado pelo conceito de **competição**.

Quem não concorre não pode assim, nem ser premiado, nem ser punido. É o que também pode ser manifesto quando se fala em **concurso da vida**, expressão que poderia, da mesma forma, dar título ao sistema de conceitos representado na figura acima.

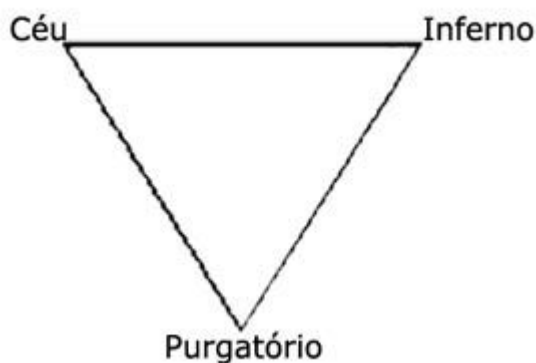
Isso nos leva a buscar associação com outros sistemas de valores que poderiam ter correspondências com aquele em que se apresenta a **punição**.

Quando se diz que devemos premiar os bons e punir os maus, estabelecemos um paradigma de valores no qual a **bondade**, opondo-se à **maldade**, estabelece um jogo de sinais em que o positivo e o negativo se distribuem de modo a tornar um pouco mais complexos os conceitos em questão.

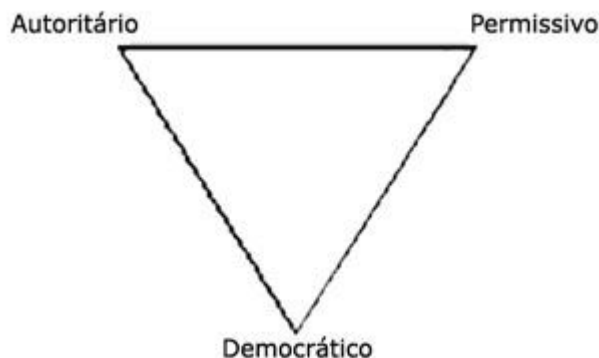
Punir é sempre negativo, pelo que é punido, e positivo, pelo ato mesmo de punir o que é negativo. Nesse sentido, toda punição é virtuosa. Inversamente, premiar é sempre positivo pelo que é premiado, e positivo também pelo ato de premiar o que é positivo. É, contudo, negativo na oposição constante ao ato de punir, mas dele se aproximando no reconhecimento simultâneo e antagônico do que deve ser eleito e do que deve ser estigmatizado.

Nesse sentido, toda premiação é virtual, implicando, de alguma forma o que há de virtuoso na punição. Vale a pena lembrar que o estigma das chagas de Cristo são as marcas do castigo e da punição que lhe são infligidos e, ao mesmo tempo, de sua eleição como filho de Deus, cujo sacrifício na cruz é também a redenção de nossos pecados e o caminho figurado de nossa salvação.

Nas religiões, como a católica, em que **céu, inferno e purgatório** se opõem triangularmente, (ver meu artigo na *ComCiência* referido anteriormente) da mesma forma que **verde, vermelho e amarelo, sim, não e talvez, ou bem, mal e indiferença**, a relação com prêmio e punição desde logo se impõe, ficando o estado intermediário – nem premiar, nem punir, ou premiar e punir, ao mesmo tempo – para o purgatório dos médios, dos neutros, dos medíocres, no sentido técnico, mas também depreciativo deste adjetivo.



Do ponto de vista dos fundamentos psicanalíticos da organização da sociedade civilizada em oposição à sociedade selvagem, tal como mencionado anteriormente, poderíamos ter uma tensão de conceitos em que o **autoritário** se oporia ao **permissivo**, opondo-se a ambos, como termo médio, o **democrático**, num triângulo que reproduziria, geometricamente, as oposições de **céu, inferno e purgatório**, sem, contudo, carregar, necessariamente, da geografia de um para a geopolítica do outro, todas as implicações de valores lá contidas.



A horda paterna substituída pelo clã fraterno não pode engendrar a permissividade que impediria o funcionamento organizado e justo da sociedade que, assim regulada, pode encontrar na forma democrática o equilíbrio necessário entre a hierarquia assentada sobre o princípio vertical da autoridade e a horizontalidade fraternal e igualitária baseada no princípio da liberdade individual e do consentimento coletivo.

Como foi dito, temos na gênese da sociedade civilizada a necessidade da punição engendrada pelo sentimento de culpa em relação ao crime ancestral cometido em comum, o qual sustenta a religião e que, acompanhado do arrependimento, dá origem à moral. Adão e Eva e o pecado original fazem, é claro, parte dessa família.

É verdade que o nascimento das ciências humanas no século XVIII deu início a um processo de desculpabilização da sociedade, relativizando progressivamente, através da psicanálise, da sociologia, da psiquiatria, da genética, da antropologia a compartimentação do bem e do mal que o cristianismo consistentemente contribuiu para produzir.

Desse modo, as contas com o passado foram sendo acertadas sem que, contudo, tenhamos nos libertado, efetivamente, do sentimento de culpa por uma falta que se não cometemos estamos prontos e sujeitos a cometer no futuro.

Como escreve Georges Minois no livro citado, à página 397, à guisa de conclusão:

“ continua a desconfiar de si mesmo, e se ele se culpabiliza menos por um passado pelo qual não se sente mais responsável, ele começa a se culpar pelo futuro: que mundo vai ele transmitir aos seus descendentes? Um mundo poluído, devastado, um mundo sem fé, sem lei? E sobretudo, a quem irá transmiti-lo? A um monstro geneticamente modificado, cuja criação ele não soube impedir? A biogenética é a nova árvore do conhecimento do bem e do mal? Comer o seu fruto é tornar-se como um deus, murmura o biólogo tentador. O homem se arrepende de antemão, porque sabe que vai ser tentado a desempenhar o aprendiz de feiticeiro, pois está na sua natureza ultrapassar todos os limites, todos os interditos, custe o que custar. O novo Adão é de fato filho de seu pai.”